PINGA-FOGO

■ **POSSE - Toma posse no Tribunal Regional Federal da Segunda Região (TRF2) o desembargador federal Rogério Tobias de Carvalho. A solenidade, a convite do presidente do tribunal, desembargador federal Luiz Paulo Araújo Filho, será realizada no próximo dia 28 de abril, no plenário na Corte, no centro do Rio. Cerimônia poderá ser acompanhada através do Youtube.**

■ TRADIÇÃO NA PEQUENA ÁFRICA - O Dia de São Jorge, celebrado nesta quarta, 23 de abril, ganha força na Pequena África com a tradicional Feijoada com Samba da Dida, no MUHCAB – Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira. Das 12h às 20h, o evento une fé, música e gastronomia em uma homenagem a São Jorge/Ogum, figura central das religiões de matriz africana.

■ **Com entrada colaborativa e presença de lideranças culturais, a festa terá roda de samba e pratos a preços populares, com destaque para a feijoada preparada por Dida, idealizadora do projeto. Uma celebração que reafirma a resistência cultural e religiosa do povo preto no coração do Rio.**

■ CHORINHO NO FERIADO - O 'Festival Café, Cachaça & Chorinho' deu abertura a mais uma edição do evento em Vassouras neste domingo (20) e se estenderá até quinta-feira (23). Promovido pela prefeitura, a cidade recebe shows, apresentações culturais, oficinas de teatro, rodas de capoeira e jongo no Centro Histórico. A prefeita da cidade, Rosi Silva, afirmou que o festival é um resgate importante para cidade. "Uma celebração da nossa cultura, sabores e sons que encantam. Agradecemos ao Sebrae e a Fecomércio pelo apoio essencial nesse evento incrível", afirmou a prefeita.

■ **TRÂNSITO DE PÁSCOA - O feriado de Páscoa movimentou as cidades do interior do Estado e também as estradas. Com a interdição temporária da Serra de Ubatuba, conhecida como Serra das Calotas, o fluxo de veículos na região da Costa Verde - em especial, na cidade de Paraty - teve um aumento considerável o que ocasionou pontos de lentidão. Mesmo com a liberação no início da noite, tanto a estrada de Paraty-Cunha quanto Rio-Santos seguem com trânsito intenso que deve ser sentido até quarta-feira (23), dia de São Jorge, que é feriado estadual no Rio de Janeiro. A prefeitura de Paraty chegou, inclusive, a publicar uma nota afirmando que a Guarda Municipal seguia atuando nos pontos estratégicos da cidade para auxiliar na organização do trânsito. "Sempre que possível, priorizem rotas alternativas e evitem áreas com maior concentração de veículos", afirmou a nota.**

MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com
@colunamagnavita

VETERANO - Será o primeiro conclave do cardeal Dom Orani Tempesta. Mas ele chegará a Roma como veterano já que, como organizador da Jornada Mundial da Juventude no Rio, virou um nome de referência internacional na Igreja Católica, principalmente pelos laços de amizade que criou com o Papa Francisco.

Fotos Reprodução

"Cresci na fé e é como um filho que sinto a perda deste líder religioso tão humilde, querido e corajoso, que dedicou sua vida a levar um sentimento de paz e fraternidade a todos. Francisco iluminou nossas vidas com esperança, amor e misericórdia, aproximando a Igreja de todos os povos. Seu exemplo de amor ao próximo e de coragem para enfrentar os desafios nos inspira a seguir com esperança e fé. Inesquecível foi sua visita ao Rio de Janeiro durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013. Gratidão pela sua missão, amado Francisco!"

Governador do RJ, Cláudio Castro

"Francisco, primeiro papa latino-americano, foi uma voz profética para o nosso tempo, inspirando milhões de pessoas com sua simplicidade, coragem e profunda humanidade. Seu pontificado foi marcado por um compromisso inabalável com o diálogo, o amor e a justiça social. Ele convocou a Igreja a ser verdadeiramente participativa, aberta ao Espírito, sensível às dores do mundo e próxima dos que mais sofrem. Com palavras e gestos, o Papa Francisco defendeu com firmeza a vida em todas as suas formas e etapas, levantando a voz contra toda forma de exclusão e violência"

Primeira-dama do RJ, Analine Castro

"Tive a oportunidade de estar com o Santo Padre algumas vezes, sobretudo em razão da Jornada Mundial da Juventude, em 2013. Não me lembro de ter estado com nenhuma outra pessoa que emanasse tanta humildade, coragem e fé. Jamais me esqueço quando ele pediu para que nós, brasileiros, permitíssemos que ele pudesse adentrar em nossos corações, assim como Jesus fez no Evangelho. Nosso pastor descansou. Resta a nós agradecer pelas suas palavras. Por ter sido um irmão que inspirou. Pelo ser humano que, como São Francisco de Assis, amou toda criatura desta Terra. Que o Senhor receba Francisco em sua divina misericórdia!"

Prefeito do Rio, Eduardo Paes

Brasil perde o jornalista e escritor Wilson Figueiredo

Wilson Augusto Figueiredo, jornalista, poeta e escritor brasileiro, faleceu neste domingo, 20 de abril de 2025, aos 100 anos, deixando um legado indelével para o jornalismo e a literatura do país. Nascido em 29 de julho de 1924, em Castelo, Espírito Santo, Figueiredo construiu uma carreira marcada pela integridade, sensibilidade e compromisso com a verdade.

Sua trajetória profissional foi imortalizada na biografia "E a Vida Continua: A Trajetória Profissional de Wilson Figueiredo", lançada em 2011 pela Editora Ouro Sobre Azul, para marcar o 30º aniversário da FSB Comunicação. A obra, escrita em parceria com Moacyr Andrade, reúne cartas e textos de colaboradores que destacam as contribuições de Figueiredo ao longo de sua carreira.

Conhecido entre os amigos pelo apelido de Figueiró, o jornalista passou a juventude em Belo Horizonte, onde conviveu com figuras ilustres da literatura brasileira como Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos. Iniciou sua carreira jornalística na capital mineira, mas na década de 50 muda-se para o Rio de Janeiro. No Jornal do Brasil, atuou por quase cinco décadas como editorialista, redator, colunista e comentarista político, participando da reforma gráfica e editorial que consolidou o veículo como uma das vozes mais influentes da imprensa brasileira no século XX.

No Jornal do Brasil, assinou durante muitos anos uma influente coluna sobre política nacional. Nela, foi o primeiro jornalista a antever a renúncia do então presidente Jânio Quadros, decisão que mudou a vida política do país por muitos anos.

Além do Jornal do Brasil, Figueiredo colaborou com diversas redações, incluindo a Agência Meridional, dos Diários Associados, Folha de Minas, O Jornal e Última Hora, de Samuel Wainer. Em revistas, trabalhou na Manchete e na Mundo Ilustrado, editada pelo Diário de Notícias. Já no final de sua carreira, aos 80 anos de idade, integrou-se à equipe da FSB Comunicação, maior agência de comunicação corporativa do Brasil, contribuindo com sua experiência e olhar crítico para a construção de estratégias de comunicação e gestão de crise para clientes de diversos setores.

"Quando eu e meus sócios tivemos a oportunidade de convidar o Wilson para se juntar à FSB, realizamos uma aspiração de muitos anos e sabíamos que ele teria um papel muito importante para a empresa. Ao longo do tempo, ele se tornou uma grande influência para nossa equipe, principalmente para os mais jovens", afirma Francisco Soares Brandão, sócio-fundador da FSB. "E ele permaneceu ligado a nós até o fim da vida."

A produção literária de Figueiredo inclui o livro de poesias "A Mecânica do Azul" (1946), elogiado por Mário de Andrade, e obras como "1964: o último ato" (2015) e "De Lula a Lula" (2016). Reconhecido por sua capacidade de aliar jornalismo e lirismo, Figueiredo foi descrito por Nelson Rodrigues como um profissional que, por ser poeta, estava "sempre a um milímetro de delírio", enxergando além da objetividade comum aos jornalistas.

Wilson Figueiredo deixa quatro filhos e um exemplo de dedicação ao jornalismo sério e comprometido, servindo de inspiração para futuras gerações de profissionais da comunicação.

Fotos CM

Wilson Figueiredo construiu uma carreira marcada pela integridade e compromisso com a verdade

Fernando Molica

Com a morte de Francisco, a Igreja busca novo equilíbrio entre Pedro e Paulo

Eleito para compensar a hegemonia conservadora representada pelos antecessores (João Paulo II e Bento XVI), Francisco viveu uma contradição de ser um papa progressista à frente de um rebanho cada mais ligado a valores tradicionais.

Responsável pela nomeação — criação, na linguagem eclesiástica — de 108 dos 135 cardeais que elegerão o novo papa, Francisco garantiu uma folgada maioria eleitoral, além de ter ampliado a diversidade geográfica dos chamados príncipes da Igreja.

Dos cardeais votantes — com até 80 anos de idade —, 41 vêm da Ásia e da África, o que corresponde a 30% dos eleitores. A Europa manterá a maior fatia no conclave, com 53 representantes, 39% do total.

A marca de Francisco fica evidente quando o número de aptos a votar é comparado com os que já atingiram a idade limite: há 61 europeus nessa situação, contra apenas 25 asiáticos ou africanos. Ou seja, a representação da Europa já foi bem mais importante.

Mas a existência de um colégio cardinalício à imagem e semelhança de Jorge Mario Bergoglio não garante aos progressistas a certeza de escolha de um deles para o exercício do pontificado. Instituição que carrega a experiência de exercer o poder por mais de dois mil anos, a Igreja Católica sabe muito bem equilibrar forças, joga mais lá ou para cá dependendo das circunstâncias.

Costuma alternar a pregação evangelizadora e revolucionária de Paulo com a visão estrutural de Pedro. Sabe muito bem combinar ousadia e moderação, como traduzido no filme "Dois papas", do brasileiro Fernando Meirelles.

Em 1978, na esteira da morte de João Paulo I, que foi papa por apenas 33 dias, a Igreja elegeu o polônes Karol Wojtya que, como João Paulo II, estimulou e legitimou a queda do comunismo na Europa. Fez tabelinhas e triangulações com governantes conservadores como o norte-americano Ronald Reagan (presidente entre 1981 e 1989) e a britânica Margaret Thatcher (primeira-ministra entre 1979 e 1990).

Em seu pontificado, Roma jogou contra a autonomia das conferências nacionais de bispos. Entrou de sola na Teologia da Libertação, que representava a ala esquerda católica, de grande influência na América Latina, inclusive no Brasil.

Assessorado pelo cardeal alemão Joseph Ratzinger — que comandava a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé — e pelo amigo D. Eugênio Sales, então arcebispo do Rio, João Paulo II tomou uma série de medidas para desestruturar a corrente progressista no Brasil.

Fechou seminários comprometidos com a formação de padres mais ligados a populações pobres, implodiu a Arquidiocese de São Paulo, então comandada por D. Paulo Evaristo Arns, exilou na pequena Mariana D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Um dos principais teólogos da libertação, Leonardo Boff — hoje colunista do Correio —, foi submetido a um período de silêncio. Ele acabaria deixando o sacerdócio. A eleição de Ratzinger para papa, em 2005, concluiu o ciclo conservador romano.

Em 2013, a renúncia de Bento XVI abriu caminho para a busca do equilíbrio: Roma foi buscar na Argentina, no "fim do mundo" — expressão usada pelo próprio Francisco — um papa capaz de refazer ligações com setores católicos reprimidos por 35 anos.

Fã de futebol, torcedor do San Lorenzo, o papa se apresentou ao mundo ao lado de D. Claudio Hummes, brasileiro, expoente da Igreja progressista, que, no comando da diocese de Santo André (SP), apoiou as greves lideradas por um tal de Luiz Inácio da Silva.

No caminho para a sacada da Basílica de São Pedro, D. Claudio pediu a Bergoglio que não se esquecesse dos pobres. O jesuíta matou no peito e adotou, como papa, o nome do fundador da ordem a que pertencia o colega brasileiro. No poder, reiterou o compromisso com os que mais sofrem, ampliou o poder feminino na Igreja, deu declarações de acolhimento a homossexuais, firmou posições ao lado de imigrantes, reconheceu o Estado da Palestina.

E despertou a ida dos católicos mais conservadores alinhados a integrantes da poderosa cúria romana e a uma extrema direita que cresceu em diversos países ao longo da última década.

Poucas vezes um papa foi tão criticado em público por integrantes de seu próprio rebanho. A pulverização de poder característica dos cada vez mais numerosos evangélicos reforçou visões cada vez menos centralizadoras — o mundo passou a falar mais grosso com Roma.

A morte de Francisco dá chance para um novo equilíbrio de forças; mesmo os cardeais mais progressistas sabem que precisam ir devagar com o andor. Políticos, eles ainda podem atribuir algumas concessões ao Espírito Santo, aquele que, em "Conclave", filme de Edward Berger, interrompe com o vento oriundo de uma explosão o impasse que reinava na escolha do sucessor de Pedro.